

Um oráculo para a Amazônia



Fotos Marcelo Leite

O ecologista Daniel Nepstad na frente do centro de pesquisa Woods Hole (EUA)

Por Marcelo Leite

Daniel Nepstad, 42, tem tudo de um gringo à moda antiga: olhos claros, muito alto e atlético, e é sobretudo um otimista. “Queremos abastecer o debate com a ciência”, resume, com candura, o papel da pesquisa ambiental na Amazônia que coordena no Woods Hole Research Center (WHRC). Diferentemente de centenas de missionários enviados para o fracasso amazônico, porém, Nepstad não é um ingênuo.

Após 25 anos de experiência com o Brasil e casado com uma brasileira, ele teve tempo de aprender que a ciência muitas vezes é o que menos importa na discussão ideologicamente minada sobre a Amazônia e sua destruição. Sabe, também, que a pesquisa pode fornecer munição pesada, como nos momentos em que detecta aumento ou diminuição significativa do desmatamento.

Quem o vê ao computador diante de uma janela com vista para o mar azul de Woods Hole, lugarejo de pescadores perto de Boston (EUA), não imagina que ele está construindo uma bomba. Há malas e mochilas espalhadas pelo chão, entre pilhas de papéis, mas nada de fios, explosivo ou detonadores. Ele só conta com muita informação sobre a história da ocupação da Amazônia brasileira, modelos informatizados e boa dose de ousadia.

O sonho de Nepstad e da equipe de bra-

sileiros que ele vem formando há anos, reunidos no Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (Ipam, uma ONG de pesquisa, assim como o WHRC, mas em Belém do Pará), é criar um sistema de computador capaz de prever o futuro. Não o destino em geral, como nas cartas de tarô, mas o que vai acontecer com a qualidade de vida na Amazônia, dependendo das escolhas e dos projetos econômicos adotados pelos governos estaduais e federais.

A idéia é ter uma espécie de matriz automatizada. O “input” são informações como quilômetros de estradas abertas, licenças para mineração, matrículas escolares, permissões para derrubada de madeira etc. Depois de digerir esses dados, o modelo deveria ser capaz de informar se melhora a qualidade de vida das pessoas que vivem na região – e não só se aumenta o seu PIB.

“Os ambientalistas ainda não tocaram na vida do amazônida”, afirma esse ecologista doutorado pela Universidade Yale, que abandonou um emprego de lobista em Washington depois de seis meses para voltar à pesquisa. “Falam muito de bichinhos e pouco da fumaça nos pulmões, da possibilidade de seu filho pegar malária.”

O oráculo amazônico Woods Hole/Ipam ainda é embrionário, mas seus aprendizes de feiticeiro já produziram um artigo de impacto sobre o desmatamento oculto na Amazônia, aquele invisível para os olhos

Seca induzida



1

Foram cobertos 10 mil m² de floresta com 6.000 painéis plásticos de 1,5 m², para desviar até 80% da chuva que cai sobre a mata, provocando uma seca artificial semelhante às causadas pelo fenômeno El Niño



2

Estão sendo medidas dezenas de variáveis do “metabolismo” do ecossistema, por meio de aparelhos sensíveis instalados em poços de 12 m, torres de 30 m e uma vala de 400 m de comprimento

3



A meta é estabelecer quanta seca a floresta aguenta antes do declínio de processos vitais – como fotossíntese e transpiração – e da consequente queda de folhas (primeiro combustível do incêndio florestal)



4
Também será investigado como a seca altera a quantidade de carbono estocada na madeira e nas raízes (se as árvores crescem menos, a mata pode se tornar uma fonte de carbono, aumentando o efeito estufa)

dos satélites, que foi parar na capa da prestigiada revista científica "Nature" (8 de abril de 1999). Estão também cobrindo parte da floresta, perto de Santarém, Pará, para estudar os efeitos da seca sobre a inflamabilidade da mata, o projeto Seca-Floresta (veja quadro).

A turma de Nepstad também adora cutucar a onça com vara curta. No caso, os desenvolvimentistas míopes que vêm na abertura de estradas a torto e a direito a melhor via de desenvolvimento para a Amazônia.

Há pelo menos uma década se conhece a relação direta entre asfaltamento e desmatamento, mas ninguém ainda teve a capacidade de transformar esse padrão numa equação capaz de dizer quantos hectares de selva serão destruídos, por exemplo, como consequência dos planos asfálticos do Avança Brasil, o mapa desenvolvimentista do governo FHC2.

"Nosso papel é injetar informação e métodos para ver o que está implícito no futuro de uma região", afirma Nepstad. "A idéia é gerar um modelo que instrumentalize o governo para tomar melhores decisões sobre a Amazônia", conclui o ecologista -otimista, como sempre.